

Música  
3 Novembro '08

# Cristóbal Repetto

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Voz Cristóbal Repetto  
Guitarra Ariel Argañaraz

Seg 3 de Novembro  
Grande Auditório · 21h30 · Duração aprox. 1h30 · M12

(...) *Ahí está, sentado y con el micrófono en mano, esperando el momento de empezar a cantar. Cuando lo haga, sin levantarse de su silla, quien lo escuche por primera vez no podrá reprimir algún gesto de incredulidad.* (...)

Martin Perez in Página 12, RADAR,  
28 Julho 2003

Embora haja muitas lendas e histórias sobre as origens e desenvolvimento do tango, todas parecem concordar quanto à sua natureza e à sua origem: o tango é dança, é música e é poesia; nasceu em Buenos Aires no virar do século XX; e cresceu na fusão de culturas de que era feita a Buenos Aires dessa época.

Imigrantes vindos de países da Europa como Itália, Espanha, Polónia, Rússia, Alemanha, entre outros, misturaram-se com a geração anterior multi-racial de colonos oriundos de diversos países da América do Sul que, tendo trazido as músicas e as danças típicas dos seus países de origem, continuaram a assimilar as novidades estrangeiras. Polcas, valsas e *mazurkas* cheias de tradição foram-se misturando com a tão popular *habanera*, oriunda de Cuba e dos países do litoral que falavam o castelhano, formando uma nova música e dança, a *milonga*, ou 'habanera dos pobres', que se tornou muito popular nos anos de 1870.

Igualmente central na evolução da *milonga* foi a cultura da população negra, em particular certas danças como a *candombe*. Mistura de muitas tradições africanas diferentes, o contributo desta dança traduziu-se essencialmente na introdução de um estilo e de um tipo de movimento – o *canyuenge* – que acabou por ser um dos traços centrais do tango. Significando literalmente

'caminar cadencioso', uma forma de dançar que se caracteriza pela cadência, pela velocidade, e pelo 'dobrar dos joelhos' que denuncia a sua influência africana, o *canyuenge* está subjacente à forma original de dançar o tango. Com os seus *cortes* e as suas *quebradas*, foi este o estilo que tomou Paris e o mundo de surpresa nos anos que antecederam a Primeira Grande Guerra.

Tão obscuras como as origens do tango-dança são as origens do tango enquanto expressão musical, também estas radicadas no espírito criativo das comunidades pobres e desfavorecidas cuja vida normalmente não deixa vestígios nos livros de história.

É a estes dançarinos e músicos anónimos, que foram desenvolvendo e dando forma ao tango, que se devem os primeiros registos conhecidos de apresentações públicas em palco em meados do século XIX. Nessa época as bandas eram compostas por flauta, violino e guitarra, podendo a prestação ser simplesmente assegurada por um solista em piano, e apresentavam-se sobretudo em bordéis, cabarés ou salões de baile. O mais antigo registo de tango, que ainda hoje faz parte do repertório das orquestras, é exemplo 'vivo' desta tradição: escrito em 1897 por Rosendo Mendizabal, o pianista *insustituible* de um dos clubes mais concorridos de Buenos Aires, *El Entrerriano* – literalmente 'de Entre Rios' – é um tango que deve o seu nome a um dos clientes, e homem de fortuna, do afamado salão de bailes de Laura Montserrat. Não são conhecidas nenhuma gravações ao vivo de Mendizabal mas isto não é, felizmente, verdade para outros músicos seus contemporâneos que, nesta época de virar de século, pro-

tagonizaram os primeiros registos sonoros de tango. Estas primeiras gravações caracterizavam-se por uma acentuada tonalidade de inspiração espanhola, mas eram ainda desprovidas dos elementos chave que distinguem o tango que conhecemos hoje em dia.

Aquele que é considerado o primeiro grande tango foi composto por Angel Villoldo e estreado em Buenos Aires em 1903. *El Choclo*, assim se chama, é uma das melodias que quase todas as pessoas instantaneamente reconhecem como tango. Villoldo, visto como o primeiro grande artista de tango, escreveu muitos tangos que são tocados ainda hoje. Um pormenor interessante a respeito de *El Choclo* tem que ver com a alteração do poema em 1947. As palavras originais de Villoldo, que lhe conferiam uma nota mais jocosa, foram substituídas por um poema de Enrique Santos Discépolo que proclamava definitivamente que com este tango, nascia o Tango – *'con este tango nació el tango, y como un grito salió del sórdido barrial buscando el cielo'*.

Por volta de 1912, apareceram as primeiras grandes estrelas do tango e, entre elas, uma maior e mais vibrante: o bandoneonista Juan Maglio, “Pacho”. Estrondoso sucesso em Buenos Aires, Juan Maglio foi responsável pela consagração do bandoneón como instrumento chave do tango. A frase “déme un pacho”, que nesta época se ouvia diariamente nas lojas de discos, não suscitava quaisquer dúvidas aos comerciantes; tal era o êxito de venda da orquestra dirigida por Juan Maglio, que a palavra ‘pacho’ passou a ser sinónima de disco.

A grande força impulsionadora do tango música foi sempre a dança e,

nesta altura, foi a dança que apresentou a música ao mundo. Os filhos das famílias abastadas da Argentina, um dos países mais ricos do mundo da época, eram mandados para a Europa para estudar ou simplesmente para viajar, acabando por fazer com que Paris, e logo de seguida o resto da Europa, se apaixonasse pelo tango num delírio que teve o seu apogeu em 1913 – o ano do Tango. Este sucesso europeu teve um profundo impacto na alta sociedade em Buenos Aires e, numa reviravolta sem precedente, o tango passou da ‘porta de serviço’ aos salões de baile.

Em 1915, o popular cantor de música folclórica Carlos Gardel grava o poema *Mi Noche Triste* de Pascual Contursi com tal paixão e dor que transforma esta canção num imenso triunfo. É a partir deste feito que o repertório do tango passa a ter um fundamento de amor trágico, um carácter inequívoco de universalidade e que Carlos Gardel, o filho de uma pobre imigrante francesa, passa a ter o merecido estatuto de ícon em todo o mundo de expressão castelhana.

É ainda Gardel que em 1916 se torna a primeira voz a gravar aquela que ficará eternizada e reconhecida no mundo inteiro como o símbolo do tango: *La Cumparsita*. Originalmente uma marcha do jovem uruguaio Gerardo Mattos Rodriguez, *La Cumparsita* veio a transformar-se em tango pela mão do pianista Roberto Firpo – líder e criador do primeiro sexteto standard de tango composto por dois bandoneones, dois violinos, piano e contrabaixo – e é, ainda hoje, a melodia que tem sido mais gravada e trabalhada por quase todos as orquestras de tango de que há registo.

A fantástica história de ascensão

da super-estrela Carlos Gardel, a sua personalidade afável, o seu talento como compositor, a sua morte trágica aos 44 anos e a sua voz gloriosa fizeram de Gardel um herói popular aos olhos do mundo, um símbolo eterno de Buenos Aires e uma fonte de inspiração para os seus pares e para os muitos artistas que lhe sucederam.

É riquíssima e imparável a história do tango e, como a maioria dos movimentos, filosóficos, literários, artísticos, etc., não é uma narrativa passível de ser resumida...

A chamada Idade de Ouro do Tango, anos 40 e 50, testemunhou o trabalho de grandes e populares músicos como Canaro, Ricardo Tanturi, Juan D'Arienzo (‘El Rey del Compás’), Rodolfo Biagi (‘Manos Brujos’), Alfredo De Angelis, Troilo, Carlos Di Sarli, Osvaldo Pugliese, Miguel Caló, Salgan, Gobbi, Maffia, Laurenz, Piazzola, Francini e Pontier, entre outros. Com os anos 60 e a queda de Perón assistiu-se a um abrandamento do género, mas também a novas propostas com as de Astor Piazzolla, um jovem e brilhante bandoneonista que em 1950 tinha deixado Buenos Aires para estudar composição em Paris, e que é reconhecido hoje como o criador do *Tango Nuevo*.

Este Novo Tango, cuja recepção inicial foi muito difícil sobretudo na Argentina, acabou por ser aceite e aclamado, tornando-se um dos motores importantes da evolução do tango, e fonte de inspiração de uma nova geração de músicos, cantores e bailarinos apostados no diálogo entre o tango e outros estilos de música contemporânea, na reinvenção do tango e, ao mesmo tempo, na redescoberta da tradição.

(...) *con sólo 24 años, Cristóbal Repetto es dueño de un sorprendente registro vocal que parece salir de un gramófono, y su repertorio, (...) , recupera tangos perdidos en el tiempo. (...)*

Martin Perez in Página 12, RADAR,

28 Julho 2003



Cristóbal Repetto, o cantor e músico que hoje apresentamos, nasceu em 1979 e viveu rodeado de músicos, *peñas* (os lugares onde se toca o tango e o folclore) e festividades, num ensejo constante, que rapidamente pôs em prática, de subir ao palco e mostrar as suas aptidões vocais.

Admirador, desde criança, dos grandes cantores argentinos de sempre, era em casa dos seus pais que tinha o hábito de se sentar frente a “un mueble lleno de casetes” pensando: “a ver qué escucho hoy”, e assim descobrindo aqueles que mais lhe serviram de inspiração. Nomes como Jorge Cafrune, Mercedes Sosa, Violeta Parra, Ignacio Corsini, Roberto

Goyeneche, Carlos Gardel ou Luis Cardei são uma constante nas suas recordações e fonte inspiradora das suas escolhas de repertório.

Descoberto por Daniel Melingo, rapidamente atrai a atenção de Gustavo Santaolalla – com quem trabalhou no projecto electrónico Bajofondo tango Club – que acaba por apadrinhá-lo, encorajando-o a desenvolver as potencialidades da sua voz singular. Referindo-se a Repetto, Santaolalla afirmou: “Tiene todo el aspecto de un pibe moderno, pero cuando abre la boca suena como un vinilo de los años 30, los de 78 revoluciones por minuto.”

Em 2004, com produção de Santaolalla e com o selo da editora Surco/Seminal, Repetto lançou o seu primeiro CD que foi nomeado para os Prémios Gardel como Melhor Álbum Artista Masculino de Tango. Pouco tempo depois, com o lendário cantor Juan Carlos Godoy, gravou *Café de los Maestros*, também produzido por Santaolalla e nomeado para os Grammys Latinos 2006.

Recomenda-se a visita aos seguintes sites:

[www.totaltango.com](http://www.totaltango.com)

[www.10musica.com/notas/15358-](http://www.10musica.com/notas/15358-)

[www.edinburghgtango.org.uk](http://www.edinburghgtango.org.uk)

[www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/9-859-2003-07-28.html](http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/9-859-2003-07-28.html)

## Próximo espectáculo

# Tela

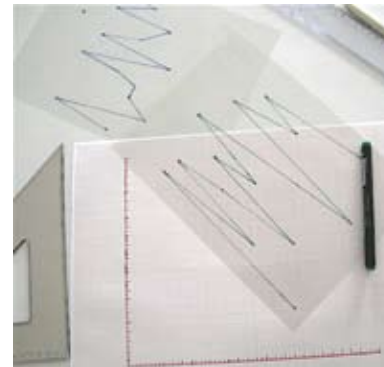
## De Ivo Serra

### No âmbito do Festival Temps d'Images

**Dança Qui 6, Sex 7 de Novembro**

Pequeno Auditório · 21h30

Duração: 45 min · M12



© Ivo Serra

**Concepção e direcção** Ivo Serra **Criação** Adriana Sá, Ana Ribeiro, André Gonçalves, Ivo Serra e Rita Natálio **Textos** Ana Ribeiro, Ivo Serra e Rita Natálio **Dispositivo cénico** André Gonçalves e Ivo Serra **Som** Adriana Sá e André Gonçalves **Luz** Adriana Sá e Ivo Serra **Imagem** Ivo Serra **Acompanhamento crítico** Rita Natálio **Produção** Bomba Suicida **Co-produção** Bomba Suicida, Dupla Cena – Festival Temps D'Images, Culturgest **Apoio** RE.AL **Design gráfico** Nuno Ribeiro Bomba Suicida é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/ Direcção Geral das Artes

“Corpos que medem, que marcam, que informam, enformam, constroem, subtraem, extraem, criam. Corpos que respiram, que agem, que se encontram, que se cruzam, que comunicam. Corpos que existem, que são expostos à sua própria existência.

A identificação é sempre necessária para se poder existir, identificamo-nos

e existimos a partir dos outros, com os outros e entre outros...

Os corpos lançam-se no espaço e no tempo, a visão tece uma parte da memória, a memória cria as referências necessárias e as referências soltam-se na história.

*Tela* é uma peça com cinco artistas. Cinco corpos. Cinco pessoas numa *performance* com um só fim: existir. Sonoridade e texto criam, distendem/ ampliam imagens e pensamentos sobre pontos de partida simples, dir-se-ia mesmo sobre um imaginário da banalidade. NÓS – os *performers* – executamos. É uma questão de sugestão. Ou, simplesmente, de mapear uma experiência. Resta saber, nesse acto de cartografar (coreografar), qual a medida comum dessa experiência”

Os portadores de bilhete para o espectáculo

têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

Gonelha

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Ana Feteira Monteiro

estagiária

##### Direcção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

##### Produção

Paula Tavares dos Santos

##### Montagem

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Raquel Abelha

estagiária

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Maria Ana Freitas

#### Actividades Comerciais

Catarina Carmona

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

#### Direcção Técnica

Eugénio Sena

#### Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino chefe

de imagem

Paulo Abrantes chefe

de áudio

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

#### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

#### Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

---

**Culturgest, uma casa do mundo**

---